

# PEDAGOGIA CATÓLICA, IMPRESSOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: uma contribuição aos estudos de história da educação<sup>1</sup>

Evelyn de Almeida Orlando<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo analisa a formação de professores proposta pela Pedagogia Católica entre as décadas de 30 e 60 do século XX através das diretrizes do Monsenhor Álvaro Negromonte em sua série de manuais intitulada GUIA DO CATEQUISTA. Tais diretrizes são analisadas, metodologicamente, associadas aos pressupostos escolanovistas para a formação de professores que vinha ganhando relevo desde a segunda década do século XX, inseridas no contexto das reformas educacionais que se instauraram na sociedade brasileira republicana. Essa série compõe uma coleção de catecismos e é destinada aos professores de catecismo do ensino primário especificamente, mas, em uma perspectiva mais ampla, esses livros põem em relevo o conceito de educação integral, o qual para os católicos compreende formação intelectual, física, moral e espiritual e o exercício da prática docente na perspectiva católica moderna. Para Negromonte, o professor católico torna-se figura imprescindível na articulação do ensino religioso aos pressupostos escolanovistas, o que revela uma faceta, geralmente, sombreada na História da Educação para a qual este artigo tem o objetivo de atentar.

**Palavras-Chave:** Formação de Professores. Pedagogia Católica. Impressos. História da Educação. Escola Nova.

## CATHOLIC TEACHING, PRINTED AND TRAINING OF TEACHERS: a contribution to studies of History Education

## Abstract

This article analyses the training of teachers proposed by the Catholic Pedagogy between 30 and 60 decades of the twentieth century through the guidelines of Monsignor Álvaro Negromonte in its series of guides GUIDE TO CATEQUISTA entitled. These guidelines are reviewed, methodologically, associated with the assumptions for escolanovistas training of teachers who had gained prominence since the second decade of the twentieth century, placed in the context of the educational reforms that was introduced in Brazilian society Republican. This series comprises a collection of catechisms and is designed for teachers, catechism of primary education specifically, but in a perspective More broadly, these books highlight the concept of education Full, which includes training for the Catholic intellectual, physical, moral and spiritual and exercise of teaching practice in Catholic modern perspective. For Negromonte, the Catholic teacher it is essential figure in the articulation of religious education escolanovistas to the assumptions, which shows a facet, generally, shaded in the history of Education to which this article is objective to look.

**Keywords:** Training of Teachers. Catholic Pedagogy. Printed. History of the Education. New School.

---

Recebido em: Abril de 2008.

Aceito em: Julho de 2008.

<sup>1</sup> Este artigo é parte da dissertação de Mestrado intitulada "Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do catecismo" defendida pela autora em 2008 na Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Professora substituta de História da Educação da referida instituição; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares do NPGED/UFS; Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação.

## Introdução

Este artigo, situado no âmbito da Nova História Cultural, analisa o uso dos impressos na formação de professores católicos que desempenharam, de forma expressiva, uma das frentes de luta no movimento de renovação educacional do país que se desenvolveu com maior fôlego a partir do segundo decênio do século XX e tem como objetivo colocar em evidência uma face sombreada nas pesquisas em História da Educação que é a associação entre o ensino religioso em relação aos pressupostos escolanovistas em uma perspectiva católica moderna.

Tomando como base a proposta metodológica de Carlo Ginzburg (1989) de associar texto e contexto, a proposta da Pedagogia Católica é analisada aqui entre as décadas de 30 e 60 do século XX através das diretrizes do Monsenhor Álvaro Negromonte exposta em sua série de manuais de catecismos intitulada **GUIA DO CATEQUISTA**. Tais diretrizes são analisadas, metodologicamente, associadas aos pressupostos escolanovistas para a formação de professores que se delineou no contexto das reformas educacionais do início do século na sociedade brasileira republicana. A produção de sentidos que Chartier atribui aos livros e a forma como estes se apresentam no mercado editorial também servem de subsídios teóricos para a análise empreendida neste artigo.

A República se constituiu no Brasil empreendendo dentre outras bandeiras, a da laicização do ensino. Não obstante, a associação entre cristandade e cidadania permaneceu no cenário das práticas educacionais que, entre os conflitos e tensões, estratégias e táticas, foi imprimindo a sua marca no território nacional.

Nesse cenário, os professores tinham o papel a desempenhar: conformar as mentalidades em prol dos ideais do novo governo e contribuir com o projeto de civilização do país. O discurso civilizatório que circulava no Brasil não separava o homem civilizado das questões da fé, ao contrário. Desde o século XVIII, a Igreja Católica se constituiu em um dos maiores órgãos propagadores das noções de civilização no âmbito europeu, por traduzirem valores consoantes com ideais católicos como o controle dos afetos e dos instintos.

Para Nunes e Carvalho (1993, p. 13-14) o profissional docente teria a função de formar o cristão e o cidadão. A profissionalização docente que se implantou com as Escolas Normais visava preparar professores (do gênero masculino) para atender o aumento da demanda escolar consoantes com a cultura brasileira que sempre foi impregnada de catolicidade. As marcas dessa cultura tornam-se mais visíveis, quando, ainda no final do século XIX começou a haver um movimento de feminização do magistério e os homens começaram a abandonar as salas de aula, conforme defende Louro (1997). O trabalho do magistério passou a ser visto como uma extensão da maternidade e os alunos, filhos e filhas espirituais. Razão pela qual, a sala de aula tornou-se o lugar mais propício para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Segundo Louro (1997, p. 454) “[...] a incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes”. De forma que, para as mulheres casadas que tinham necessidade de trabalhar pelo alto custo de vida que vinha se instaurando, o magistério lhes era completamente pertinente, por ser uma atividade em que elas só precisariam trabalhar um turno, podendo no outro, se dedicar às tarefas domésticas. Por ser uma ocupação transitória, já que deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe, os reduzidos salários destinados ao exercício da profissão, vista agora como uma simples ocupação transitória, se justificavam na própria mudança na terminologia, como também no argumento de ser um salário complementar, posto que o homem fosse o responsável pelo sustento da família.

Mas não foi só nas escolas que os homens abandonaram as salas de aula. Analisando alguns compêndios de catecismo, nota-se claramente como a presença feminina foi ocupando os espaços das salas de aula paroquiais no exercício da catequese e das aulas de catecismo. Entende-se por catequese:

[...] um conceito mais amplo da ação eclesial que conduz tanto os indivíduos como as comunidades à maturidade da fé enquanto o catecismo é um compêndio da doutrina da Igreja que sistematiza a ação catequética através do ensino adequando a metodologia utilizada à idade, cultura e circunstâncias em que será aplicado. (ORLANDO, 2008, p. 7).

Tendo em vista o aperfeiçoamento catequético, muitas obras foram produzidas e se estabeleceu um conjunto de normas referentes a um modelo ideal de catequista. Dessas obras pode-se destacar por suas expressividades no meio: **Catequista Ideal** do padre Agenor Nunes Marques, **Normas Práticas para os Catequistas** do padre Aleixo de Caxias, **Educação, Ensino e Cultura** que se constitui em uma coleção de textos conciliares, **A Pedagogia do Catecismo** e a série **Guia do Catequista** que vem a ser parte de uma coleção de manuais de catecismo do padre Álvaro Negromonte, esta última, principal fonte deste trabalho. Todas essas obras foram publicadas em meados do século XX, a maioria antes do Concílio Vaticano II e são relevantes por terem um discurso semelhante, praticamente o mesmo, a respeito da postura que deve ter o professor ou a professora de catecismo, os padrões de conduta que devem regular suas vidas, seu caráter moral diante da Igreja e da sociedade, sua amabilidade, doçura, fineza no trato, paciência, zelo, doação, dentre outras características.

Em geral, tais textos ao tratar da pessoa do catequista, se referem a ambos os sexos, alguns deles referem-se, explicitamente, aos párocos e seminaristas como principais responsáveis pelo ensino de catecismo. Não há nenhuma determinação explícita de que as mulheres devam ser as professoras de catecismo. Estas são as primeiras professoras de catecismo das crianças na condição natural de mães educadoras, devendo, portanto, ensinar seus filhos as verdades da fé antes mesmo destes irem para a escola.

Apesar disso, ao traçar o perfil de catequista ideal todos os autores ressaltam atributos tidos pela sociedade como tipicamente femininos. Além disso, em *Normas Práticas para o Catequista*, o autor ao se referir ao tipo de vestimenta apropriada para o catequista fala que “seus vestidos devem ser limpos e decentes” (CAXIAS, 1957, p. 24). Esse tipo de contradição nos documentos destinados aos professores de catecismo permite inferir sobre o papel social das mulheres nas escolas seculares do século XX. Esse papel se estende para o interior da Igreja e essas passam a exercer não só a docência nas salas de aulas das escolas, mas também nas salas de aula paroquiais.

Os limites entre a sala de aula da escola e da Igreja estão divididos por uma linha muito tênue. O Monsenhor Álvaro Negromonte, por exemplo, insiste na ausência de distinção entre a função de professora e a da catequista. Além de se referir aos catequistas sempre no feminino, o que ele próprio justifica no prefácio da **Pedagogia do Catecismo** (1940) por duas razões: a primeira não ter visto catequistas homens e, a segunda razão, prestar uma homenagem às mulheres que se dedicam a esse trabalho. Esse engessamento à função do catequista em relação ao sexo feminino reforça o papel da mulher como mãe responsável pela educação dos filhos, por conduzi-los pelo melhor caminho e fazer deles bons cidadãos, fiéis a Deus e a Igreja.

Para a professora católica, a função de catequista seria exercida praticamente como um exercício da sua segunda natureza, inerente ao seu caráter e as suas práticas cotidianas. A professora-catequista deveria se ocupar da educação integral dos seus alunos, a qual de acordo com Negromonte (1938, p. 7), é a que “produz os melhores cidadãos, os mais pacíficos, os mais obedientes às leis, os mais dedicados patriotas, os

mais amantes do próximo, os mais honestos e puros”. O exercício dessa função corrobora com a sua função social de mulher e professora, tanto no lar quanto na escola de formar os homens e mulheres da sociedade brasileira.

Sem fugir às expectativas da Igreja, essa função permitiu que as mulheres ao mesmo tempo, reproduzissem as idéias sexistas e misóginas da Igreja em muitos aspectos, e em outros, tivessem a possibilidade de inserir novos valores e desmistificar alguns padrões comportamentais, que descaracterizavam a força e o peso da presença feminina nos debates educacionais e sociais de uma maneira geral à época.

A estratégia do Monsenhor Álvaro Negromonte de inserir o catecismo nos espaços laicos da educação através da figura da professora, permitiu que as suas práticas educativas como professoras-catequistas conjuntamente mediassem dentro dos limites da civilização a evangelização e as relações entre o clero e o povo.

Nessa perspectiva, o impresso tornou-se um forte aliado na formação do profissional docente, fosse ele um professor secular, de catecismo, ou exercesse, tal como sugeria Negromonte, as duas funções no espaço da sala de aula. A destinação pedagógica dada ao impresso exerceu, muitas vezes, a sua função não só entre os alunos, mas também entre os professores. Entre as décadas de 30 e 60 do século XX, houve uma proliferação de impressos de cunhos variados voltados para o aperfeiçoamento dos professores, atualizando-os e colocando-os a par das discussões educacionais que vinham fomentando o campo da Pedagogia. De acordo com Carvalho,

A produção historiográfica sobre educação tem subestimado a intervenção dos católicos na configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil, nos anos iniciais da década de 1930. Isso porque tem atribuído à militância pedagógica católica um papel apenas reativo: o de barrar a difusão de toda e qualquer inovação proposta pelos chamados Pioneiros da Educação Nova. Com isso, fica prejudicada a compreensão a respeito de quais teriam sido as versões do escolanovismo disseminadas entre os professores, pois não é possível subestimar a eficácia das estratégias católicas de difusão doutrinária no campo pedagógico, estratégias nas quais estava em jogo a hegemonia da Igreja. (CARVALHO, 1994, p. 41).

O uso dos impressos pelo grupo católico põe em evidência que as bases do professorado católico estavam calcadas em uma Pedagogia Católica que vinha se modernizando em suas práticas pedagógicas e nas estratégias de difusão dos seus ideários. Na perspectiva de se escrever uma História dos saberes pedagógicos, no âmbito da Nova História Cultural, é preciso atentar para a produção, a representação e as práticas desse grupo, buscando extrair a sua contribuição para a formação do professorado que imprimiu as marcas da cultura católica em algumas gerações da sociedade brasileira.

## **A Formação de professores através do impresso**

Os três volumes intitulados **Guias do Catequista** foram os últimos livros escritos para compor a coleção de catecismos Monsenhor Álvaro Negromonte. A composição de um material dessa natureza chama a atenção pela idéia sempre defendida pelo padre em relação ao tripé que sustenta a formação da catequista associando-o ao êxito da sua prática pedagógica. Para ele, o que integra uma catequista perfeita é a sua “formação intelectual, a formação pedagógica e a formação espiritual” (NEGROMONTE, 1938, p. 9).

Ao escrever a **Pedagogia do Catecismo** o padre deixa claro a necessidade que as catequistas têm de se preparar, usando para isso, o estudo e os mais variados recursos para aprimorar a sua prática pedagógica. A idéia de produzir uma fórmula pronta ou um receituário não agradava ao padre que já havia tecido críticas à solicitações nesse

sentido a um grupo de catequistas. O prefácio que escreveu para o **Plano de Lições de Catecismo**, em sua terceira edição em 1956 exemplifica com clareza o seu pensamento a respeito desse tipo de projeto. Defendendo mais uma vez a necessidade de articulação das funções da professora com a catequista para solucionar o problema do catecismo, Negromonte afirma:

A solução do problema está em a professora católica cumprir integralmente o seu dever, e ser também, catequista. Ser professora católica, em vez de ser professora e católica separadamente. Eis a única maneira de tranquilizar uma consciência esclarecida. Quando falamos disso às nossas professoras, elas arguem, excusa, que não conhecem a doutrina porque não lhes ensinaram e, podíamos acrescentar, elas não estudam. Isto é o que deveriam fazer, estudar. Mas os homens são e como são e não como queremos que fossem. Temos de tomar o problema como está. As professoras reclamam aulas feitas, prontas para dar, com o mínimo de esforços para si. Em vez de lastimarmos (porque é digno de lástima [...]), não é melhor remediar, esperando que as novas gerações já possam receber alguma coisa e dar um pouco mais? Pois este é o pensamento desse livro. Há muitas professoras que só dão Catecismo na classe, se encontrarem a aula feita. Para estas, o presente volume será tudo! Há outras que se valerão dele como um auxiliar, um guia talvez, e ele lhes será útil. A todas a sua leitura há de servir [...]. (NEGROMONTE, 1956, prefácio).

Apesar de toda a crítica, Negromonte acabou publicando seu **Guia do Catequista** em três volumes. A escolha do título reflete o uso que ele pensava para os manuais, conforme assinalou no prefácio citado anteriormente, uma espécie de roteiro, um instrumento de trabalho para acompanhamento do professor de 1ª a 4ª série que iria trabalhar com outra série da coleção intitulada **Meu Catecismo** (essa série voltada para o aluno).

O primeiro **Guia**, foi dividido para o trabalho com o primeiro e o segundo ano primário e traz na sua segunda parte uma justificativa da sua iniciativa. Segundo ele,

Resisti muito à publicação de um “Livro do Mestre” para o MEU CATECISMO, porque penso que nada substitui o mestre bem preparado, e desejo acima de tudo catequistas bem formados doutrinária, pedagógica e espiritualmente. Terminei vencido pelas insistências, principalmente dos párocos e bispos que precisam de um instrumento imediato para facilitar e melhorar a catequese, sem descuidar embora a preparação dos catequistas, obra de mais fôlego e tempo. (NEGROMONTE, 1961, p. 7).

Dessa forma, foram publicados os três **GUIA DO CATEQUISTA** (para o **Meu Catecismo**). O primeiro volume destinado ao primeiro e segundo ano; o segundo destinado ao terceiro ano e o terceiro volume foi destinado ao quarto ano. As primeiras edições foram publicadas em 1961 pela José Olympio e a segunda edição, em 1962 pelas Edições Rumo. Do ponto de vista material, ainda que tenham sido publicados por editoras diferentes, não há mudanças em tais dispositivos. Os critérios de edição da José Olympio foram mantidos nas edições posteriores. A ausência de variações no formato adotado para os três volumes, os títulos, a uniformidade na exposição dos conteúdos e a forma seriada em que foram compostos levaram-me a optar por analisar esses três livros como uma série.

A História da Educação atenta para o livro como objeto cultural, produto humano, social que, ao mesmo tempo, recebe as marcas da sociedade que o legitima e instrui, forma, educa, agindo, de uma forma ou de outra, diretamente nas mentalidades daqueles que interagem com ele. A análise desse produto está inserida e, portanto, contribui, não só com o campo da História da Educação como também com a História do Livro. Em uma via de mão dupla, o livro ora adota o papel de sujeito, ora de objeto. A junção desses dois olhares que se alternam e muitas vezes se embaralham, torna a história de um livro (neste caso, de quatorze livros) mais atraente pela sua complexidade e pela possibilidade

de compreensão das várias vozes que emanam das suas formas. Nesse sentido, Robert Darnton (1990) defende a estratégia dupla, que combina a análise textual à pesquisa empírica para destrinchar uma fonte tão elucidativa. A materialidade evidencia a história dessa produção e fornece elementos que iluminam as sombras de um documento que, no caso da coleção aqui analisada, estabeleceu-se monumento na memória coletiva daqueles que com ele interagiram.

Segundo Chartier,

[...] mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura dos escritos quando se torna um livro (1994, p. 8).

O suporte material de um texto o carrega de significação para o leitor. As distintas formas materiais estão diretamente ligadas às práticas de leitura, à produção de sentidos. No mundo do texto, é preciso se atentar para o que Chartier chama de “formas e sentidos”, que vai da produção material até a apropriação da mensagem pelo leitor.

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação [...] A ordem dos livros tem também um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são tão suscetíveis (CHARTIER, 1994, p. 8).

Nessa perspectiva de análise, do ponto de vista material, a série conta com o primeiro e o terceiro volumes publicados pela Editora José Olympio e o segundo publicado pela Rumo. Os livros são brochuras com formato de 12,5 cm de largura por 18,0 cm de altura. O primeiro volume com cento e noventa e cinco páginas. O segundo com cento e setenta e duas. E o terceiro com duzentos e vinte e seis páginas. As capas apresentam cobertura de cor viva em papel cartão em duas cores e no canto esquerdo uma cruz no sentido da altura do livro. As cores variam de acordo com o volume. No primeiro, a composição é de azul/vermelho; no segundo, ocre/amarelo e, no terceiro, verde/amarelo. Apresenta ainda as informações na seguinte seqüência: do lado direito, o nome do autor em preto e em caixa alta com o título abreviado, abaixo o cargo institucional em fonte menor, o título em caixa alta e negrito, seguido da série para a qual se destina entre parênteses e no pé da página o nome da editora também em caixa alta.

A contracapa foi utilizada nestes volumes como espaço de divulgação da coleção. Nenhum dos três volumes possui orelhas. O nome da editora aparece como padrão na capa, na contracapa, nas lombadas, na folha de rosto, no verso desta e na última folha depois do texto. As lombadas trazem informações precisas acerca do autor, obra, público alvo e editora seguindo o mesmo padrão dos outros livros do curso ginásial, o que torna sua identificação com a coleção mais fácil.

Em relação à organização interna, os volumes em questão mantêm a mesma estrutura dos outros livros dessas editoras com a seguinte formatação: ante-página com o título da obra; uma página com uma lista de todos os livros da coleção (incluindo aqui os Guias do Catequista) e mais algumas obras do autor; a folha de rosto que apresenta uma estrutura bastante similar à capa: no topo, “Coleção Mons. Negromonte” em caixa alta, o cargo institucional, abaixo o título do livro destacado com o subtítulo e o ano para o qual se destina, a ilustração de uma pequena estrela vazada, no caso da segunda

edição, esta vem abaixo da estrela e, ao final da página, a editora, a cidade e o ano de publicação; depois da folha de rosto, o *imprimatur* no verso da mesma; o índice geral, uma carta de recomendação do Papa; uma página com o título da obra novamente (este é um diferencial).

A partir daí há algumas variações entre os volumes: o primeiro volume é dividido para o primeiro ano e para o segundo ano, já aparecendo essa divisão no índice. Além disso, a primeira parte do volume um, destinada ao primeiro ano, segue a seqüência citada e apresenta uma nota intitulada “Observações importantes”, uma espécie de “apresentação” da obra e uma “Introdução”. A seqüência segue com as lições preliminares, o texto, uma ante-página com o título da obra marcando a divisão do trabalho para o segundo ano com *imprimatur* no verso, a introdução, o texto, a referência tipográfica e a contra-capá.

Curiosamente, a introdução do livro com a justificativa da composição e a explicação do método adotado só aparece nessa segunda parte. Tal estratégia é pouco compreensível uma vez que diz respeito à explicação teórica do que o autor propõe na prática. A bibliografia aparece ao longo das lições e é composta basicamente de textos bíblicos, livros litúrgicos como Missal, as Liturgias dos Sacramentos e os próprios livros do padre. Estes, indicados aos professores como obras de referência para melhor compreensão da doutrina. O segundo e o terceiro volumes, depois da página com o título da obra que aparece depois da carta, seguem com a Introdução; uma lição preliminar; o texto; a referência tipográfica e a contracapa.

As lições preliminares da primeira parte do volume um se desdobram em oito e são discriminadas no índice. Essas lições não constam no livro do aluno, o **Meu Catecismo** do 1º ano. Elas têm a função de iniciar a criança no espírito religioso, preparando-a para assimilar melhor o que lhe for ensinado. O autor ainda recomenda que essas lições sejam dadas antes de entregar o livro ao aluno, por considerar tal procedimento mais vantajoso.

As lições são as seguintes: “Primeira aula”; “Deus”; “Sinal da Cruz”; “Deus é nosso Pai”; “Falar com Deus”; “Jesus”; “Nossa Senhora”; “Uma visita à Igreja”. Na segunda parte não há lições preliminares. No segundo volume há apenas uma “Lição Preliminar”, uma espécie de “Primeira Aula”, em que deixa claro que a finalidade é despertar o interesse das crianças pelas aulas de religião, fazendo uma revisão das práticas da vida cristã e instigar o ânimo para o estudo das coisas de Deus. No terceiro volume não há lição preliminar.

Mais uma vez nessa série, o movimento do padre chama a atenção pela sua capacidade de sistematização sequenciada. No entanto, duas opções se destacam: a primeira é a ausência da “Lição preliminar” no terceiro volume, que pode ser explicada por ser publicação da Rumo e não da José Olympio. Neste caso, o formato mantido pela Rumo também teria suas particularidades.

Além disso, os livros **Meu Catecismo** para o segundo, terceiro e quarto ano começam as aulas pela lição intitulada “Orações” que não aparecem em nenhum dos **Guias**. Tendo em vista que o esquecimento não era uma das habilidades do autor, portanto, o fato de ter que compor esse tipo de trabalho para facilitar a aprendizagem de um grupo de professoras, já tinha criticado, anteriormente, pela falta de estudo e esforço foi uma pressão do campo, pode-se inferir que o padre não apresentava boa disposição para ensinar obviedades, apesar da forma esmiuçada como desdobra metodologicamente cada lição e o cuidado com lições preliminares no início de cada série.

No entanto, é possível que o padre considerasse “Orações” uma lição dispensável de ser ensinada para qualquer professora que se intitulasse católica, já que essa lição contém um conjunto de orações que todo católico deveria saber como o “Pelo

Sinal”, “Pai-Nosso”, “Ave-Maria”, “Credo”, “Glória ao Pai”, “Ato de contrição”, “Ao anjo da Guarda”, “Oração da manhã” e “Oração da noite”. Esse tipo de posicionamento leva a inferir que as pressões do campo, que fazem com que os homens oras avancem, oras recuem, e, algumas vezes se rendam em suas posições, delineiam os limites da singularidade do indivíduo em nome do grupo social ao mesmo tempo em que o leva a elaborar um conjunto de estratégias para manter sua identidade nesse grupo.

De uma forma geral, a organização dos índices dessa série segue o padrão da coleção e se relacionam diretamente com as lições do **Meu Catecismo**. No interior da obra, todas as lições são divididas em tópicos.

A confecção desse tipo de material, um manual do professor, traz ainda alguns questionamentos sobre a sua forma de circulação. Em alguns casos, o manual do professor era presenteado aos professores que adotassem os livros como textos da classe. Neste caso, segundo Smith Jr (1990, p.154), “o custo da promoção do manual seria coberto pela renda das vendas do livro didático. Logo, o custo do manual precisa ser mantido no mínimo para evitar aumentar o preço da venda do livro didático”. Muitas vezes se chega ao consenso de que a atratividade física da impressão não é tão importante para os professores como para os leitores infantis, o que significa que a reprodução do manual poderia ser feita da forma mais barata possível. Todavia, esta não foi a estratégia adotada para os **Guias**, que mantiveram o mesmo padrão de toda a coleção, salvo as ilustrações. Além disso, na listagem de referências dos livros do monsenhor feita pela José Olympio e pela Rumo, os **Guias** aparecem lado a lado junto aos outros livros da coleção, sendo contados como um dos volumes desta e não como suplemento de algumas obras.

De todos os livros da coleção, os **Guias** são o aparato material que melhor evidencia o pensamento do padre em relação à educação. Para Negromonte, a educação católica é a mais completa por ser integral e se propor a formar o corpo, a mente e o espírito. Nessa concepção, os professores católicos teriam a obrigação de proporcionar a educação secular e espiritual para os seus alunos. Essa junção das esferas terrena e divina não encontraria nenhum impedimento se os professores tivessem uma vida cristã permeada pelos estudos bíblicos e doutrinários. A queixa por parte dos professores em relação ao desconhecimento da doutrina aponta para o estado de superficialidade cristã que o catolicismo estava vivendo, já apontada por D. Leme na sua Carta Pastoral de 1916:

Que maioria católica é essa, tão insensível quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação não temos e não vivemos vida católica. Quer dizer: somos uma maioria que não cumpre os seus deveres sociais. (D. LEME, 1916, p. 6).

Apesar da renovação catequética já apresentar resultados positivos conforme afirma na terceira edição da **Pedagogia do Catecismo** em relação ao progresso do catecismo no país, este ainda se configurava como um problema a ser resolvido. De acordo com Negromonte, “o catecismo paroquial está quase sempre entregue a catequistas mais cheias de boa vontade que de requisitos para um Catecismo eficiente” (NEGROMONTE, 1953, p. 9).

A série **Guia do Catequista** tem em vista suprir essa lacuna, fornecendo o cimento necessário para dar continuidade a sua obra. A composição e publicação dessa série retratam ainda as exigências do professorado católico que vinha sendo chamado ao exercício do catecismo em suas salas de aula sem sentir preparado e a resposta do padre frente a uma necessidade real de instrução religiosa pautada nos princípios da Pedagogia católica aos próprios catequistas. Este movimento revela como as pressões

do campo incidem diretamente nas ações dos indivíduos, mesmo aqueles que são portadores de relativa autonomia, como é o caso dos agentes eclesiais.

Os **Guias** carregavam em si a intencionalidade de servir, literalmente, àquilo para o qual se propunham no título: um guia, um roteiro de aula com explicação da doutrina para facilitar o aprendizado/ensino das professoras católicas, as quais segundo ele deveriam associar essa função à de catequista, utilizando para isso o espaço da sala de aula por ser este um local estratégico para alcançar um número maior de crianças. Além disso, para os catecismos paroquiais estava sendo requisitada também maior eficiência no ensino do catecismo, razão que moveu os padres e os bispos a requererem um instrumento prático, um investimento a curto prazo para subsidiar o trabalho das professoras-catequistas.

O “Livro do Mestre para o **Meu Catecismo**”, tal como Negromonte se refere a estes volumes, não foi escrito em uma perspectiva de engessamento da prática pedagógica do professor, mas como um aporte teórico-metodológico para orientação das catequistas. Segundo o padre, “o livro por si só é morto, sendo necessária a atuação do bom mestre para animar a aula e dar vida ao livro”. Nesse sentido, ainda afirma: “conto sempre com a alma do catequista, seu esforço, seu cuidado, sua inteligência em interpretar e adaptar o que aqui deixo escrito” (NEGROMONTE, 1961, p. 3). A utilização do material de forma exitosa está inter-relacionada com a devida apropriação do método desenvolvido por ele, uma vez que seus textos, conforme afirma, são todos fundamentados teórico-metodologicamente<sup>3</sup>. De acordo com Negromonte, “só os que conhecem um método são capazes de utilizá-lo devidamente. Meus textos obedecem ao ‘método integral’, que denominei assim porque ele leva a criança a praticar integralmente a vida cristã” (NEGROMONTE, 1961, p. 3).

A fundamentação teórica é a base de sustentação para a prática educativa. A reflexão sobre uma proposta pedagógica só é possível a partir de um conjunto mínimo de conhecimentos específicos da área. Negromonte não defende uma educação descompromissada ou desvinculada com a teoria. Ao contrário, sua proposta consistia em dominá-las para refutá-las, quando não servisse, justificando sua posição frente às teorias pedagógicas modernas, e, sempre que fosse o caso, para extrair delas tudo de útil e pertinente ao êxito da educação católica. O objetivo do ensino também deveria estar claro para as professoras – catequistas que deveriam ter em vista seu ponto de chegada na formação dos seus alunos e, com base nisso, buscar todos os aparatos para facilitar o seu trabalho. Quanto a isso, o padre Agenor Nunes Marques em sua obra **Catequista Ideal** ao falar da educação integral, corrobora com Negromonte ao explicar o projeto de uma educação integral. Para ele,

A criança que vai se educar é o sujeito da formação cristã. A religião que vai se transmitir é o objeto da formação cristã. A pedagogia que vai se aplicar fornece os meios da formação cristã. A primeira se conhece pelo estudo da Psicologia Infantil, a segunda pela doutrina cristã, a terceira pela metodologia educacional. O educador integral, deverá, pois, conhecer o sujeito, o objeto e os meios da obra espiritual que pretende realizar. (MARQUES, 1957, p. 64).

---

<sup>3</sup> O método integral de Álvaro Negromonte é reconhecido na História da Igreja no Brasil pelo êxito que proporcionou ao movimento de renovação catequética que ocorreu no país a partir da década de 30 do século XX. Tal método consiste em três pontos básicos para a formação: o primeiro diz respeito ao caráter integral em três aspectos – indutivo, expositivo e evangélico; o segundo diz respeito aos formatos que está posto em um esquema de lição que contém - história, doutrina e formação; e, o último de caráter formativo, consta de quatro pontos – dever, conselho, apostolado e liturgia. Em cada um dos **Guias**, Negromonte faz uma síntese do seu método mostrando de forma esquemática e objetiva onde e como sua proposta pedagógica quer chegar.

Apesar de servirem como auxiliar a professora-catequista, para que alcance a eficiência pensada nas suas práticas educativas, a catequista

[...] continua obrigada a estudar sempre a religião; preparar cuidadosamente as suas aulas; arranjar o material didático necessário; fazer as adaptações intelectuais e espirituais indispensáveis. As lições aqui estão dados na íntegra! Como se fosse possível o catequista dizê-las por inteiro aos alunos [...] Mas, repito, isto é apenas para facilitar o trabalho do mestre. (NEGROMONTE, 1961, p. 12).

No interior da obra, todas as lições são divididas em tópicos da seguinte forma: título da lição; doutrina para o catequista; esquema da lição; revisão; explanação em tópicos; resumo; exercícios para casa. Na parte destinada ao primeiro ano, o resumo e os exercícios não constam como tópicos, embora apareçam no decorrer da lição de forma expositiva. No terceiro volume há ainda uma Chave dos exercícios após as atividades, uma espécie de respostas dos exercícios.

Ao indicar como deve ser feito o trabalho com o **Guia**, Negromonte alerta para cinco pontos cruciais: a necessidade de seguir as indicações de leitura propostas no tópico “doutrina para o catequista”, através da leitura do próprio Evangelho e de um estudo mais intensivo da doutrina a fim de ter maior segurança nas aulas, embora só deva ensinar o que está no livro<sup>4</sup>; fixar bem o “esquema da lição” a fim de tornar a aula mais pessoal e dominar mais a aplicação do método; estudar a “explanação” para saber o que pode ser ensinado como está proposto e o que precisa ser adaptado aos seus alunos, além de verificar o material que será necessário para enriquecer a aula; fixar bem o “resumo” para os alunos poderem fixar melhor os pontos mais importantes e para servir como orientação própria; dar a máxima importância aos exercícios de casa por sua dupla função: servir para manter o interesse das crianças pelo catecismo e levar à família a preocupação religiosa.

Essas medidas devem ter em vista garantir o sucesso da aula. A aula deve ser atrativa para as crianças e não cansativa e enfadonha. O conceito de “boa aula” para o padre está relacionado a algumas práticas pedagógicas indispensáveis a qualquer professor católico. Dentre elas, pode-se citar:

1. Dê explicações claras:  
Que todas as crianças entendam o que é ensinado. Não deixe nada mais ou menos compreendido. Seria um perigo; tudo muito bem entendido! *Repita as explicações, tantas vezes quantas for necessárias*. Ajude a cada um a resolver as suas dificuldades intelectuais ou morais. Recomende sempre o estudo da lição como está no livro, para fixar bem.
2. Fale com moderação:  
Nem alto nem baixo, nem lento nem precipitado, mas que todos ouçam e entendam; module a voz, animando-a quando contar as histórias, para dar vida ao que diz, para traduzir melhor os sentimentos que exprime. E fale pouco de cada vez. Lembre-se de que o professor primário que fala mais de 2 minutos sozinho corre o risco de ficar falando sozinho [...] As crianças se cansam e não prestam mais atenção ao que diz o professor.
3. Conserve a calma:  
- na voz, nos gestos (mesmo quando foram mais animados), no corpo (atitude digna, sem afetação), nas perguntas, e principalmente quando for necessário advertir, repreender ou mesmo castigar (o que só muito raramente aconteça). Isto contribui imensamente pra manter a calma também a turma nos

---

<sup>4</sup> O zelo do autor em relação à necessidade de seguir o livro está relacionado ao fato de os conteúdos selecionados pelo padre seguirem a orientação pedagógica moderna e terem sido pensados na perspectiva “sob medida” de Claparède. As lições sequenciadas têm o caráter de continuidade, aumentando a dosagem do conhecimento de acordo com a capacidade dos alunos.

- momentos em que ela se anima um pouco mais, ou mesmo se indisciplina.
4. Movimente os alunos:
    - mande escrever no quadro-negro e nos cadernos: quando o livro fala em escrever no quadro, pode ser a criança conforme o caso; dê-lhes pequenas tarefas, principalmente aos mais inquietos (que precisam de movimentar-se): apagar o quadro-negro, distribuir o material, distribuir os santinhos, tirar as orações, etc;
    - Faça perguntas: de modo claro e breve, com toda a classe em silêncio (que é para ouvirem todos o que se pergunta), dando tempo à resposta;
    - dirija a questão a toda classe só depois chame um aluno para respondê-la;
    - tenha também o cuidado de interrogar o maior número de alunos (e não se reduzir a um pequeno número e sempre o mesmo)
    - mande desenhar, ora no quadro-negro, ora em folhas separadas, que depois serão coladas no caderno.
  5. Faça verificação:
    - contada a 'história', mostre a gravura (ou um quadro) e mande contar o que ouviram. Assim se verifica se eles aprenderam bem, pode-se corrigir os enganos, e, ainda mais, se dá ocasião para a formulação própria (que é excelente para a fixação da matéria aprendida).
    - dada a 'doutrina', verifique denovo, interrogando vários alunos, para ver se entenderam, e se sabem dizer com suas palavras o que ouviram;
    - faça o mesmo com os vários pontos da ' formação', a fim de deixá-los bem claros e bem fixados.
  6. Quebre a rotina:
    - dê, de quando em quando, uma aula diferente: marque uma sabatina; faça um teste da matéria dada; organize um pequeno álbum de santinhos, sobre a matéria dada (o que é boa maneira de recapitular); realize um pequeno concurso com perguntas feitas pelos alunos, uns aos outros (com pequenos prêmios aos vencedores); promova uma competição com alunos de outra classe;
    - faça recapitulações através de cânticos apropriados;
    - leve as crianças a uma Igreja, para um ato religioso, também previamente preparado, de caráter infantil e pedagógico: missa especial para crianças, Via Sacra (ótima recapitulação das aulas sobre a Redenção, Paixão e Morte de Jesus), Hora Santa Infantil (meia hora, no máximo), etc.
  7. Reze:
    - no começo e no fim da aula;
    - antes e depois de sua preparação de lição, de seu estudo para pedir a Deus as luzes e a eficiência de que precisa rogando também por seus alunos, o que nunca fazemos sucintamente;
    - durante a aula: suspenda a lição propriamente dita e reze com as crianças, fazendo que elas se recolham e rezem, sozinhas ou em comum, em fórmulas ou em orações espontâneas.
  8. Ame:
    - a Deus, para cuja glória trabalha o catequista;
    - às crianças, para suportá-las com paciência, para desejar o seu convívio, para amá-las de verdade, a ponto de elas sentirem o seu amor e verem a sua alegria de ser o seu catequista;
    - Lembre-se de que o amor é a grande força pedagógica que muitas vezes nos falta. Quando se ama, tudo se consegue dos alunos, como aliás, o próprio Deus: *Ama et fac quod vis*, dizia Santo Agostinho: ' Ama e faz o que quiseres' (NEGROMONTE, 1961, p. 14-16).

Como já foi dito anteriormente, a proposta pedagógica de Negromonte alia tradição e modernidade. A aproximação com Claparède, autor que nunca recebeu nenhuma crítica em suas observações sobre a Escola Nova, tenha talvez encontrado exatamente

nessa possibilidade de convergência o seu ponto alto. Folquié em sua obra *Les écoles nouvelles*, afirma que Claparède “é dos teorizantes mais sagazes e mais moderados da escola nova” (FOULQUIÉ, 1948 *apud* PENA, 1954, p. X).

Damasco Pena em seu prefácio à obra **Pedagogia Funcional** afirma que Claparède reconheceu ainda “o labor devotado dos professores conscienciosos como poucos críticos da escola têm sabido reconhecer, a parte que cabe ao valor pessoal do artista que reside em cada professor compenetrado da delicadeza de sua estatutária moral”. Para ele, “o método menos fundado psicologicamente, o processo menos feliz não deixam de produzir bons resultados se o mestre os anima com os recursos da sua arte” (PENA, 1954, p. X, XI). Negromonte alia-se a esse entendimento, cobra dos catequistas uma postura ética e comprometida com a sua prática pedagógica, a fim de garantir maior eficácia do processo educativo.

Insisto nesta análise em fazer referência às catequistas e não aos catequistas como o próprio título da obra propõe por duas razões: a primeira, por considerar tal escolha uma estratégia para conclamar um maior número de pessoas, homens ou mulheres, para o exercício do catecismo, embora o próprio Negromonte já tivesse afirmado outras vezes, inclusive na sua **Pedagogia do Catecismo** que em geral, este era um trabalho executado pelas mulheres. A segunda razão está relacionada ao fato dos **Guias** terem sido compostos para auxiliar o trabalho dos catequistas do primeiro ao quarto ano do ensino primário, o que requer a lembrança da trajetória do professor primário ao longo dos tempos.

De fato, ao longo dos tempos a mulher católica foi se constituindo na grande mediadora entre o clero e o povo no ofício de evangelização. Segundo o Dicionário de Teologia Feminista citado por Zanlochi (2001, p. 19), “apesar da Igreja ser representada e visível como instituição masculina, as mulheres constituem a maioria dos cristãos militantes”. Esta autora defende ainda que, quantitativamente, a presença da mulher na construção do cristianismo é evidente; e, em uma perspectiva qualitativa procurou-se mostrar, ao longo do século XX, principalmente no último quartel, o que se refere ao período pós-conciliar, a imprescindibilidade de sua presença na missão evangelizadora que a Igreja Católica desempenha através da decisiva influência da mulher nos processos de transmissão da fé.

De acordo com Louro (1997), o ideal de civilização republicano e o processo de modernização que se instaurou no país no início do XX exigiram maior atenção e, portanto, maiores investimentos no setor educacional. Apesar de haver um discurso que privilegiava a educação como uma arma para a educação feminina, essa teria por finalidade básica educar mais do que instruir. Em outras palavras, a educação feminina deveria ter em vista, a formação moral, a construção do caráter com algumas doses de instrução. Como seu destino estava em ser esposa e mãe, ela precisaria ser educada para ser a esposa virtuosa e a educadora do futuro. Sua educação estava pautada numa dimensão além dos seus anseios e necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, ou na linguagem republicana, na função de formadora de futuros cidadãos.

Apesar da República ter formalizado a separação entre Igreja e Estado, para muitos a educação feminina não poderia ser vista desvinculada da educação cristã. A moral religiosa pregada pela dicotomia entre Eva e Maria era importante para formar nas meninas, através de suas escolhas, o modelo de pureza da Virgem que era o modelo que se esperava que elas escolhessem. Caso contrário, a própria educação se encarregaria de convencê-las de que essa era, sem dúvida, a melhor escolha, já que o ideal mariano era o símbolo não só da sagrada missão da maternidade como também do recato, do pudor, da busca constante de uma perfeição moral, da aceitação de sacrifícios, da ação educadora dos filhos.

Na análise que faz dos discursos educacionais, Lopes cita Pio XII:

[...] já que se trata da primeira infância, é conveniente que a educação seja confiada principalmente às mulheres, que se deve, em consequência, se empenhar em enriquecer seus próprios dons naturais de intuição e de sentimento, graças a aquisição de um conjunto de apropriados conhecimentos e de experiências extraídas das ciências pedagógicas. Eia aí a razão de ser das vossas Escolas Normais [...]. (PIO XII *apud* LOPES, 2003, p. 149).

Assim, o magistério primário foi se caracterizando como uma das profissões mais viáveis para a mulher tanto às moças solteiras, quanto às viúvas, por ser considerada uma extensão do seu dom natural – a maternidade – que não lhe corromperia os valores morais ao contrário, possibilitaria sua propagação através das lições ensinadas pelas mesmas. Apesar de ser um trabalho fora dos espaços domésticos, o magistério não oferecia o risco de afastar as mulheres da vida familiar, dos deveres domésticos, do prazer da maternidade e da pureza quase santa do lar. Ao contrário,

[...] a intervenção feminina supunha-se capaz de uma ação moralizadora no seio da sociedade e serviria para manter a unidade da família e da pátria. A função materna não mais era apenas biológica, mas social e patriótica, principalmente (ALMEIDA, 2007, p. 113).

Mas não foi só nas escolas que os homens abandonaram as salas de aula. Como já foi dito anteriormente, a presença feminina foi ocupando os espaços das salas de aula paroquiais no exercício da catequese e das aulas de catecismo.

O catecismo antes exercício dos párocos, começou a contar com o auxílio dos leigos para sua maior repercussão. Esse projeto de inserção do apostolado leigo na Igreja abriu espaço para a presença feminina ter uma visibilidade maior em funções que já exercia no espaço doméstico<sup>5</sup>.

Nas salas de aula, as professoras deveriam ensinar o catecismo às crianças em uma linguagem apropriada. Para isso, era necessária uma preparação maior assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados, a fim de não ficar em condições de inferioridade. Segundo Negromonte (1940), sendo algo ilusório esperar no catecismo paroquial a maioria das crianças da paróquia, o ensino religioso nas escolas se faz muito mais proveitoso. Ao tratar da importância dos catecismos na escola na Revista Eclesiástica Brasileira, Negromonte elenca pelo menos quatro vantagens que justificam a insistência no catecismo escolar:

A primeira vantagem do ensino religioso nas escolas é a freqüência [...]; outra é a homogeneidade das classes, que permite a seqüência de um programa que a catequista paroquiais dificilmente conseguirão manter [...]; a escola oferece facilidades educacionais que o catecismo paroquial não pode ter. Este dura menos de uma hora, uma vez por semana. A escola é a semana toda, várias horas por dia. Nem tudo é aula de religião, nem podia ser. Mas tudo é oportunidade educativa; a escola tem ainda um ambiente de aula (do ponto de vista didático) que a Igreja não pode dar. (NEGROMONTE, 1942, p. 933- 934).

Portanto, os cursos normais para Negromonte, deveriam, ao formar as professoras, ter em vista em um processo concomitante, a formação da catequista. A cadeira de Metodologia do Catecismo deveria fazer parte do programa a fim de “adestrar as moças na teoria e na prática do ensino religioso” (NEGROMONTE, 1940, p. 80). A professora católica para ele tinha a obrigação de ensinar o catecismo na sua sala de aula

---

<sup>5</sup> Não obstante o laicato aparecer na História da Igreja com uma expressividade maior a partir do Concílio Vaticano II, que legitima o trabalho apostólico dos leigos, pode-se pensar em um ensaio dessa participação a partir da Carta Pastoral de 1916 com a chamada de D. Leme aos católicos em relação à manifestação prática da fé.

porque ela é a melhor pessoa para essa função, já que conhece os alunos de perto e saberá, portanto, referenciar o uso dos ensinamentos religiosos com suas vidas para que este tenha um caráter de utilidade mais acentuado. “A professora católica não é apenas professora; aliás antes de ser professora, já era católica. O católico tem de o ser sempre e em toda a parte. Portanto, ela há de ser sempre, não apenas professora e católica, mas sim professora católica” (NEGROMONTE, 1940, p. 90).

Na palestra dirigida às professoras de um Grupo Escolar de Belo Horizonte em 1933<sup>6</sup>, o autor retoma um dos pontos centrais na sua pedagogia do catecismo que é a necessidade de formação do professor, não somente do professor católico, mas a este, sobretudo, em particular, por ter a dupla missão de ensinar as matérias e também ao catecismo. Para ele,

[...] o professor não se pode satisfazer apenas e estritamente com o necessário para dar a aula [...] Só um largo e seguro conhecimento do assunto permite ao mestre discorrer com segurança e facilidade. E são intoleráveis as aulas em que o professor denuncia incerteza, hesitação, ausência de conhecimentos. Além do enfado que gera nos alunos, cria para si próprio uma situação de insegurança que termina por lhe tirar toda a autoridade [...] De modo que ao catequista não deve nem pode bastar a preparação remota, o conhecimento da matéria a ensinar. Ainda se requer, aqui mais que alhures, a preparação próxima de cada lição: saber o que vai dizer, como vai dizer, que exemplos vai dar, que comparações vai fazer, que histórias vai contar, que conclusão vai tirar, que aplicação fará a vida da criança, e até, se possível (e é possível pelo conhecimento das crianças e da psicologia infantil) prever as perguntas e preparar-lhes conveniente resposta (NEGROMONTE, 1938, p. 25).

O ensino do catecismo requer, dessa forma, de acordo com o padre, ser ministrado de forma sistemática, com método, com vida, clareza, exatidão e solidez. Ainda sim, se este andar desvinculado da prática não atingirá seu fim, que é encaminhar o homem para Deus, levando a criança a praticar o bem e evitar o mal através da instrução dos dogmas e da moral católica. A instrução se constitui no catecismo apenas uma parte, segundo o padre, a menor e a mais fácil, o objetivo maior é fazer com que a criança viva os ensinamentos que aprendeu, coloque-os em prática. “O ensino do catecismo, portanto, deve ser prático, eminentemente prático” (NEGROMONTE, 1938, p. 31). Cada plano de lição deve contar segundo as diretrizes com um lugar para a conclusão prática onde a catequista deverá mostrar a criança onde e como poderá aplicar os ensinamentos que aprendeu na aula.

Não obstante as recomendações às professoras formadas pelo Curso Normal, Negromonte reitera que a obrigação de ensinar o catecismo não se restringe a elas. O laicato surgiu ( ou se fortaleceu) diante da necessidade imperativa de auxiliar os padres nas várias tarefas em que este pode ser substituído haja vista a relação desproporcional do clero brasileiro segundo ele, escasso em relação à população muito disseminada. Nesse caso, todas as pessoas têm o dever de ajudar no ensino do catecismo. Se não tem capacidade para ensinar deve oferecer outro tipo de ajuda que se sinta capacitado a exercê-lo. S. Carlos Borromeu, na sua escola de doutrina Cristã, tinha 3 classes de encarregados: “*Maestri* (os que ensinavam), os *silenzieri* (os que mantinham a disciplina) e os *pescatori* (que cuidavam da freqüência)” (NEGROMONTE, 1940, p. 88).

É imperativo que independente de quem quer que seja, a catequista tenha um bom conhecimento da doutrina católica, uma boa vida cristã e um bom aparelhamento pedagógico. Cada aula requer um trabalho especial e uma preparação imediata. É imprescindível que a professora de catecismo saiba explicar às crianças os conteúdos

---

<sup>6</sup> Essa palestra está publicada no livro **Diretrizes Catequéticas**, 1938.

com segurança e facilidade e tenha a capacidade de realizar ações práticas que assegurarão a formação de hábitos cristãos, através da iniciação da criança na vida litúrgica e no apostolado, articulando teoria e prática.

Segundo Negromonte, a formação da catequista cabe ao pároco. “São aulas semanais de catecismo às catequistas, são consultas a responder, é a preparação das lições, é a fidelidade intransigente às reuniões, é a formação espiritual, intelectual e pedagógica dos auxiliares de que precisa” (NEGROMONTE, 1941, p. 492). No entanto, a preparação das catequistas não diz respeito a um curso teológico, mas a um conhecimento sólido daquilo que irão ensinar. Ele ainda afirma:

As nossas catequistas não precisam de aulas de teologia nem de apologética. Vão ensinar noções, de modo afirmativo, sem muitas polêmicas. Precisam de aprender o que não lhes ensinaram, desgraçadamente, em crianças. Precisam do Catecismo bem explicado, bem compreendido, bem penetrado, para dá-lo em pedacinhos aos pequeninos. Um catecismo bem vivo, em harmonia com a História Sagrada em ligação constante com a Igreja (Liturgia) e a vida cristã (ascética). Um pouco de prática pedagógica, escutada em sólidos princípios, ensinará o bom meio desta doutrina, a que algum material didático bem aplicado dará encantos e o mais palpitante interesse. (NEGROMONTE, 1941, p. 493, 494).

É recomendada ainda a organização de círculos de estudo com catequistas e professoras, onde uma das metodologias que têm dado mais certo consiste no estudo particular do assunto por parte de todas, seguido de uma curta e esquemática exposição do assunto por uma pessoa nomeada, o qual será discutido por todas, sob a orientação do dirigente, concluindo com um resumo que dará uma visão mais sólida de conjunto do que foi discutido. A participação nos cursos de Religião, nas Semanas, nos Congressos e nas Exposições Catequéticas são vantajosas para arejar as idéias e ampliá-las.

No conjunto de prescrições, as aulas deverão ser preparadas anteriormente. O caderno de lições deverá ter em seu conteúdo os planos de aulas assim como o recurso utilizado e as eventualidades que ocorrerem nas aulas devem ser registradas. Posteriormente, esses cadernos poderão ser considerados um curso completo de catequese, que embora não tenha a função de suprir a preparação da próxima aula, facilitará muito o trabalho da professora.

A estratégia do Monsenhor Álvaro Negromonte de inserir o catecismo nos espaços laicos da educação através da figura da professora, permitiu que as suas práticas educativas como professoras-catequistas conjuntamente mediassem dentro dos limites da civilização a evangelização e as relações entre o clero e o povo.

## **Considerações Finais**

A formação dos professores na perspectiva do catolicismo está diretamente ligada a sua identidade católica e a sua contribuição para a formação dos futuros cidadãos do país. No projeto católico de educação integral, a instrução não está desassociada da formação moral, física e espiritual.

A figura do profissional docente, sobretudo a figura feminina, torna-se imprescindível na articulação do ensino religioso com os pressupostos escolanovistas, pelo papel que estas desempenham nas salas de aula e que vai se cristalizando ao longo dos tempos no ensino primário. Essa associação da figura feminina à primeira infância no ambiente escolar reforça o ideal da função educadora que em uma sociedade sexista como a brasileira, recai sobre a mulher. Como mãe e professora, esta tem que cuidar da formação dos futuros dirigentes do país, homens e mulheres civilizados, conscientes da

sua função cidadã, mas, antes de tudo, cristãos, uma vez que, é pela introjecção da cristandade que se formaria o verdadeiro *habitus* da população.

O papel da Pedagogia católica nas práticas educacionais que se configuraram modelares na sociedade republicana, geralmente, aparecem sombreada nos estudos em História da Educação, sobretudo, no que concerne ao diálogo do catolicismo com as correntes pedagógicas modernas que se expressavam nos vários projetos de Escolas Novas europeus e norte-americanos. Esse anuviamento em torno dessas questões nos põe diante do fato de que ainda há muito há se estudar sobre a presença da Igreja Católica na educação brasileira em suas práticas e representações, em suas estratégias e seus suportes.

## Referencias

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Uso do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935). **Cadernos Anped**, n. 7, p. 41-60. 1994.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: EdUNB, 1994. 111 p.

CLAPARÈDE, Edouard. **A Escola sob Medida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fondo de Cultura, 1973. 322 p.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GONZAGA, Evangelina; LOPES, Julieta Magalhães. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Plano de Lições de Catecismo**. Juiz de Fora/MG: Lar Católico, 1956. 243 p.

\_\_\_\_\_. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 1º e 2º ano**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. 195 p. (Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte).

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: UNESP/Contexto, 1997. p. 443-481.

NEGROMONTE, Álvaro. **Diretrizes Catequéticas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1938. 92 p.

\_\_\_\_\_. **A Pedagogia do Catecismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1940. (Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte).

\_\_\_\_\_. **Manual de Religião**: para o curso elementar. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1941. 192 p. (Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte).

\_\_\_\_\_. O catecismo nas escolas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 2, p. 930-935, fasc. 4, dezembro de 1942.

\_\_\_\_\_. O problema do catecismo no Brasil. **Revista Catequética**, Rio de Janeiro, Ação Católica Brasileira, vol. 5, p.47-50, 1953.

NEGROMONTE, Álvaro.. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 3º ano**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. 172 p. (Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte).

\_\_\_\_\_. **Guia do catequista para o Meu Catecismo 4º ano**. Rio de Janeiro, RUMO, 1962. 226 p. (Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte).

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e Fontes. **Cadernos Anped**, Caxambu, n. 5., p. 7-64, set. 1993.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo. São Cristóvão/SE: NPGED/UFS, 2008. 297 p. (Dissertação de Mestrado).

PENNA, Damasco. A Educação Funciona. In: CLAPARÈDE, Edouard. **A Educação Funcional**. Trad. e Notas de Damasco Penna. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional,. p. 9-14, 1954 (Coleção Atualidades Pedagógicas).

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SMITH Jr. Datus C. **Guia para editoração de livros**. Recife: EdUFPE; Florianópolis: EdUFSC, 1990.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres Leigas na igreja de Cristo**. Bauru/SP: EDUSC, 2001. 258 p.

#### **DOCUMENTOS:**

*Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Tipografia Vozes de Petrópolis, 1916.